



Ciências Humanas:

Caráter polissêmico e
projeção interdisciplinar

2

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021



Ciências Humanas:

Caráter polissêmico e
projeção interdisciplinar

2

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-631-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.314212211>

1. Ciências humanas. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Na contemporaneidade, diversos são os desafios que se impõem às discussões na área das Ciências Humanas. Pensando nisso, é com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“Ciências humanas: Caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2”**.

A coletânea, reúne ao longo de nove capítulos textos nacionais e internacionais que buscam, a partir de uma abordagem crítica e interdisciplinar, trazer discussões que permite a nós, leitores e leitoras, compreender, analisar e problematizar diversos aspectos sociais e culturais na contemporaneidade, de forma clara e reflexiva.

Assim, essa coletânea, sobretudo no atual contexto - marcado por uma série de desmontes na área da Educação e das Ciências Humanas, se configura como um mecanismo capaz de construir debates e ponderações, em diálogo com diferentes áreas do conhecimento, possibilitando reflexões, a partir de uma abordagem crítica, para se (re) pensar o(s) lugar(es) e a importância das Ciências Humanas no Brasil e no mundo.

Para tanto, as discussões apresentadas ao longo dos capítulos trazem apontamentos sobre a importância das Ciências Humanas para a formação social de profissionais das mais diversas áreas, desempenhando um papel para uma crescente atuação no mundo, orientando questões sobre Políticas Públicas; análises no âmbito educacional; enfrentamento à violências, dentre outros temas relevantes para construção de uma sociedade igualitária.

Espera-se que essa coletânea de textos possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre os objetos das Ciências Humanas, contribuindo, por finalidade, para uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!


Fabiano Eloy Atilio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A VOZ FEMININA NO JORNALISMO PAULISTA DO SÉCULO XIX: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE SOCIAL

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122111>

CAPÍTULO 2..... 17

DO BRANCO AO “BLANCO”: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS

Olga Valeska Soares Coelho


Siane Paula de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122112>

CAPÍTULO 3..... 27

ÍNDIOS NA FRONTEIRA ENTRE BOLÍVIA E BRASIL NA BACIA AMAZÔNICA E NA DO RIO PARAGUAI (1845- 1880)

Ernesto Cerveira de Sena


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122113>

CAPÍTULO 4..... 41

A ANÁLISE DE ERROS COMO METODOLOGIA DE ENSINO NAS AULAS DE MATEMÁTICA

José Roberto Costa

Giliane Souza de Matos dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122114>

CAPÍTULO 5..... 50

O MERCADO DE COSMÉTICOS NO BRASIL FRENTE A CRISE

Gleica Maria de Lima dos Santos Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122115>


CAPÍTULO 6..... 55

O ENFRENTAMENTO DA EVASÃO E RETENÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AÇÕES DE PERMANÊNCIA E ÊXITO NO CAMPUS AVANÇADO FORMOSO DO ARAGUAIA DO IFTO

Marlon Santos de Oliveira Brito

Nubia Pereira Brito Oliveira


Mylena Pereira de Brito



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122116>

CAPÍTULO 7..... 62

EL EFECTO NOCEBO Y LOS DIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS

Enric Garcia Torrents

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122117>

CAPÍTULO 8	68
SÍNDROME DE DOWN: IMPACTO NA FAMILIA, INCLUSÃO ESCOLA E SOCIEDADE Eliane Tramontin Silveira Moleta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122118	
CAPÍTULO 9	79
SOLUCIÓN DE PROBLEMAS SOCIALES EN ADOLESCENTES: RELACIÓN CON LAS CREENCIAS DE AUTOEFICACIA Y AFRONTAMIENTO Marisol Morales Rodríguez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3142122119	
SOBRE O ORGANIZADOR	91
ÍNDICE REMISSIVO	92

CAPÍTULO 1

A VOZ FEMININA NO JORNALISMO PAULISTA DO SÉCULO XIX: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE SOCIAL

Data de aceite: 01/11/2021

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Professora da área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Realizou pesquisas de pós-doutorado em Análise Crítica do Discurso na Universitat Pompeu Fabra (Barcelona - Espanha) em 2010-2011 e 2014-2015. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC-USP)

Uma primeira versão deste texto foi apresentada no IV SIAD – Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: Discursos e Desigualdades Sociais, realizado de 14 a 17 de setembro de 2016 na UFMG.

RESUMO: Resumo: Por meio de cartas da editora publicadas no jornal *A Família* selecionadas entre as primeiras edições do ano de 1888, analisamos a posição que as mulheres ocupavam na família e na sociedade brasileira, nesse final de século visando a resgatar os discursos que fundamentam e prescrevem o sentir, o fazer e o saber do sujeito mulher na sociedade paulista e que determinam suas formas de ser no desempenho de diferentes papéis, seja como esposa, como dona de casa ou mãe, e como mulher que agora tem uma profissão e se projeta na sociedade por desempenhar mais essa função. Esse perfil feminino é desenhado através da escrita da fundadora e editora Josefina

Alvares de Azevedo – professora e escritora – que tinha como objetivo interagir com a mãe de família, visando à sua educação. A partir dos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso elaborados por Fairclough (2003, 2006) e Van Dijk (2003, 2012), revelamos como o jornal concebe, metaforicamente, a interação com as leitoras, criando um tipo particular de envolvimento. Para tanto, consideramos não apenas as escolhas lexicais e as implicações sociais e ideológicas, mas também o contexto sociocultural em que o texto se instaura.

PALAVRAS-CHAVE: Carta da Editora. Imprensa Feminina. Ideologia. Interação. Identidade.

1 | INTRODUÇÃO

Fazer sua própria história por meio da escrita esse é o objetivo da mulher brasileira do final do século XIX. É nessa época que, tanto na Europa quanto nas Américas, um grande número de mulheres começa a escrever e publicar. Entretanto, para conseguir esse feito as mulheres precisaram, primeiramente, ter acesso à palavra escrita. Nessa perspectiva, segundo Telles (2008: 403), a mulher - que era vista como *a auxiliar do homem, a educadora dos filhos ou o anjo do lar* - necessitava ter condições de continuar sendo a reprodutora da espécie e de sua nutrição, mas precisava marcar seu espaço e para isso era preciso lidar com a palavra escrita.

Para poder contar e refletir um pouco

sobre a história dessas mulheres brasileiras pode-se seguir vários caminhos, escolhemos aquele trilhado pelas mulheres que se dedicaram a tecer e divulgar suas ideias, aspirações e realizações por meio da imprensa, criando jornais com o intuito de dialogar com as leitoras e torná-las conscientes de suas escolhas e papéis sociais, buscando retratar em suas páginas o perfil da mulher no final do século XIX. Perfil desenhado através da escrita da fundadora e editora do jornal¹ literário *A Família* (1888 a 1894), Josefina Alvares de Azevedo – professora e escritora – que tinha como objetivo interagir com a mãe de família, visando à sua educação. Buscamos, portanto, analisar as relações dialógicas estabelecidas entre enunciador e enunciatário nas cartas da editora, enquanto práticas discursivas ritualizadas que possuem um espaço específico na referida publicação. A partir dos pressupostos teóricos da *Análise Crítica do Discurso* elaborados por Fairclough (1995, 1997, 2001, 2003, 2006) e Van Dijk (2003, 2012), buscamos revelar como o jornal concebe, metaforicamente, a interação com as leitoras, criando um tipo particular de envolvimento, chegando mesmo à cumplicidade. Para construir um perfil do enunciador (*ethos*) e como ele deseja transformar seu enunciatário (as leitoras), consideramos não apenas as escolhas lexicais e as implicações sociais e ideológicas, mas também o contexto sociocultural em que o texto se instaura. Importa observar também as relações de poder que a enunciativa exerce sobre as leitoras e como esse gênero discursivo, a carta da editora, forma e propaga um conceito de comportamento social feminino que perpassa toda a publicação, trabalhando como a linguagem empregada constitui uma estratégia de persuasão que legitima os padrões ideológicos existentes em nossa sociedade no final do século XIX.

Por meio de cinco cartas da editora de *A Família* selecionadas entre as primeiras edições digitalizadas do ano de 1888 e disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira², analisaremos a posição que as mulheres ocupavam na família e na sociedade brasileira, nesse final de século. A partir dessas cartas resgataremos os discursos que fundamentam e prescrevem o sentir, o fazer e o saber do sujeito mulher do final do século XIX, na sociedade paulista e determinam suas formas de ser no desempenho de diferentes papéis, seja como esposa, como dona de casa ou mãe, e como mulher que agora tem uma profissão e se projeta na sociedade por desempenhar mais essa função.

1 O termo *jornal* é empregado, de modo corrente, para publicações em cadernos sem capa dura, impresso em papel mais barato, e *revista* para formatos mais trabalhados, isto é, capa dura, miolo em papel melhor, geralmente com mais gravuras ou fotos. Segundo Buitoni (1990: 17), não existe apenas essa diferença, pois o conteúdo também pode ser tratado de modo diverso. “No passado o termo revista relacionava-se mais com o conteúdo do que com o formato, pois, na prática, era difícil distingui-la dos jornais pelo aspecto visual. Ambos eram muito semelhantes graficamente”. Assim, *revista* era um termo mais usado para designar “uma publicação que, mesmo tendo aparência de jornal, apresentasse maior variedade de conteúdo, principalmente ficção, poesia, relatos de viagem e outras matérias de entretenimento”. Por outro lado, *jornal* era o termo usado para denominar a publicação em que predominasse os textos de opinião, “com discussão de ideias, polêmicas, cartas de colaboradores; no fim do século XIX, começavam a aumentar as notícias” (p. 17).

2 Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/familia-jornal-litterario-dedicado-educacao-da-mae-defamilia/379034>. Acesso em maio de 2013.

2 | BREVE HISTÓRIA SOBRE A IMPRENSA FEMININA

A imprensa feminina surgiu na Inglaterra no século XVII, quando algumas mulheres começaram a publicar jornais, com o auxílio de pais ou irmãos, como forma de distração escrevendo sobre moda, beleza, sentimentos e cuidados com o lar. O primeiro jornal feminino de que se tem informação é o *Lady's Mercury*, criado em 1693, desempenhando a tarefa de consultório sentimental, em que as senhoras da nobreza inglesa escreviam para o jornal solicitando conselhos a respeito de suas experiências amorosas, “seção que iria gozar de enorme sucesso na maioria dos veículos de imprensa feminina”, nas palavras de Buitoni (1990, p. 25).

Nessa época várias mulheres da nobreza tinham acesso à educação, ainda que de modo precário, e algumas faziam suas primeiras tentativas de escrever poesia com o intuito de entreter os convidados nas festas de salão. Paulatinamente, a ideia de criar jornais femininos se espalha pelo mundo e cada país contribui à sua maneira para a ampliação e divulgação desses periódicos. Segundo Oliveira (2009, p.6), as mulheres “alemãs inserem o horóscopo, as italianas publicam modelos de tricô e escrevem colunas com teor católico, dando à figura materna um papel de destaque dentro da sociedade”.

O modelo de jornal feminino que se desenvolve no século XIX surge na França e trata-se de um jornal literário, esse tipo de imprensa serviu de modelo para as publicações brasileiras. O primeiro veículo conhecido data de 1758, ainda no século XVIII, intitulado *Courrier de la Nouveauté*. Em 1759 surge o *Journal des Dames* que trazia contos, poesia críticas de livros e peças de teatro escritas por homens e mulheres. Depois esse jornal passou a chamar-se *Journal des Dames et des Modes* e foi publicado até 1778, entretanto foram feitas alterações como a introdução de textos sobre moda, contando com o recurso de gravuras. Buitoni (1990, p.26) descreve como era essa publicação:

O jornal dava conselhos sobre educação, ‘modernos’ para a época: falava na mãe de família que se ocupava ela mesma dos filhos e elogiava os externatos para moças que estavam aparecendo e substituindo pensionatos e internatos. A publicidade estava nascendo: livros, roupas, objetos variados apareciam, às vezes com preços, em pequenos anúncios de editoras, lojas, pequenas fábricas.

O primeiro jornal feminino norte-americano foi o *American Maganize*, porém o mais conhecido é o *Ladies' Magazine*, publicado em 1828 por Sarah Josepha Hale, cujos pontos básicos visavam ao entretenimento, esclarecimento e serviço. Ainda segundo Buitoni, foi também em terras norte-americanas que se firmou a denominação *magazine* (termo em inglês) para designar o que traduzimos por *revista* (em português). Entretanto, os primeiros periódicos femininos brasileiros receberam o nome *jornal*, apesar de serem revistas. E, segundo a referida autora, alguns deles, “como o *Novellista Brasileiro* ou *Armazém de Novellas Escolhidas* (1851), conservavam o termo *armazém* no título e realmente traziam mercadorias variadas” (p. 17).

Devido ao desenvolvimento da indústria gráfica, as revistas passaram a ter um aprimoramento visual, trazendo gravuras e ilustrações até chegar a fotografia. Já no século XX as revistas começaram a associar lazer e certo luxo. E para Buitoni, “a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência. Revista é ilustração, é cor, jogo, prazer, é linguagem mais pessoal, é variedade: a imprensa feminina usa tudo isso”(p.17-18).

Com o progresso da indústria de cosméticos, de moda e de produtos para a casa e a família e com o aprimoramento da publicidade, as revistas femininas tornaram-se, no século XX, fundamentais no mercado capitalista. Assim, a revista torna-se uma janela por meio da qual a mulher pode observar o mundo, ler, obter informação, mas – acima de tudo – entretenimento e prazer; “daí o seu caráter de feminização do produto impresso, segundo Buitoni (1990, p.18).

3 I A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL

Embora a imprensa feminina desempenhasse papel importante na Europa desde o século XVIII, no Brasil por essa época ainda nem havia imprensa, já que seu funcionamento só foi permitido no início do século XIX. Segundo Buitoni (1981), o primeiro periódico feminino brasileiro foi o carioca *O Espelho Diamantino* publicado no ano de 1827, tendo circulado apenas até 1828. Esse periódico foi impresso na tipografia do francês Pierre Plancher, na Rua do Ouvidor, uma das mais ativas no Rio de Janeiro, durante o Primeiro Reinado. Seu redator se escondia sob o pseudônimo de Julio Floro das Palmeiras e dedicava suas páginas às senhoras da Corte, defendendo a instrução das mulheres e apresentado artigos variados de política, ciências, artes e moda. Continha uma seção intitulada “Annaes da virtude”, na qual o enunciador oferecia às leitoras alguns exemplos de virtude feminina por meio de pequenos relatos biográficos de mulheres valorosas e seus atos extraídos da História e apresentados como modelos a serem exaltados e seguidos. Numa época em que a imprensa e os espaços de debate começavam a adquirir maior proeminência no Rio de Janeiro, esse periódico trazia para discussão o papel da mulher no país recém-independente que buscava um lugar entre as nações civilizadas.

Ainda segundo informações de Buitoni (1990), em Recife surgiu em 1º. De fevereiro de 1831, o que talvez seja nosso segundo jornal para mulheres: *O Espelho das Brasileiras*. A esse periódico seguiram-se outros, tais como: *A Mulher do Simplício ou a Fluminense Exaltada* (1832); *Jornal de Variedade* (1835); *Relator de Novelas* (1838); *Espelho das Bellas* (1841); *O Bello Sexo* (1850); *Jornal das Senhoras* (1852); *O Jardim das Damas* (1852), *Estrella das Bellas* (1856), *O Ramallete* (1861), *Jornal das Damas* (1862), *A Primavera* (1863), *A Madressilva* (1869), *O Beijo* (1873), *Phalena* (1877), *O Beija-Flor* (1880) e outro *O Beija-Flor* (1883); *A Mulher* (1875); *A Família* (1888); *A Rosa* (1890), *A Mensageira* (1897)³, entre outros. Todos esses jornais ou revistas eram de caráter literário. Muitos deles eram

3 Um estudo sobre esta revista foi apresentado em Andrade (2009)

produzidos por mulheres e faziam referência explícita ao público feminino. Embora outros fossem de iniciativa masculina, contavam eventualmente com a colaboração feminina, como já foi dito a respeito, por exemplo, de *O Espelho Diamantino*.

Para Buitoni (1990), a mais importante revista feminina brasileira do fim do século XIX foi a *Estação: jornal ilustrado para a família* (1879-1904), publicação quinzenal editada pela tipografia Lombaerts, no Rio de Janeiro. Segundo Meyer (1993: 76), a revista era “uma continuação brasileira da publicação francesa *La Saison* (da qual conservou igual a diagramação do cabeçalho), que circulou no Brasil entre 1872 e 1878. Prolonga-lhe também a seriação, assim, o primeiro número da *Estação* começa no ano VIII”. A *Estação* dividia-se em duas partes com paginação independente: o “Jornal de modas” e a “Parte literária”. A primeira era uma tradução da revista alemã *Die Modenwelt*, publicada pela editora Lipperheide de Berlim. Essa parte oferecia um editorial sobre a moda em Paris e uma quantidade abundante de figurinos, gravuras, riscos, trabalhos manuais, dicas e conselhos de economia e utilidade doméstica etc A segunda parte era dedicada à literatura e era composta especialmente para a edição brasileira, para isso contava com a colaboração de escritores renomados de nossa literatura. Nesse suplemento, publicava-se ficção (conto, novela, romance), crônicas teatrais, críticas, resenhas, relatos de viagens, variedades, notícias, seções de entretenimento, belas artes (pinturas e partituras musicais), entre outros assuntos do interesse das leitoras.

4 | O JORNAL PAULISTA A FAMÍLIA

Em 18 de novembro de 1888 surge na cidade de São Paulo o primeiro número do jornal literário *A Família*, publicação semanal dedicada à educação da mãe de família e à emancipação da mulher. Sua editora e proprietária era a professora Josephina Álvares de Azevedo. Na carta desse primeiro número, identificado como “número programa”, a editora abre o exemplar com uma epígrafe de Victor Hugo “Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a”.

Na carta de apresentação, a editora afirma que seu jornal busca educar a mulher para a vida:

É dever de todo o jornal que aparece dizer o que vem fazer, o título porém desta minha revista, disto me poderia dispensar; tal não succede, visto que, não venho unicamente fazer uso da imprensa, para ensinar a mulher paulista a educar seus filhos, porque isso sabe ella . (...)

Eu não pretendo, qual Joana d’Arc, de uma cruzada santa, conduzir exércitos à vitória, desfraldando o estandarte aurifulgente da legitima e sagrada – Emancipação da Mulher – porque não tenho força nem talento para tanto; mas não deixa jamais de pensar assim e dizer francamente aquilo que penso. Não interceptemos os raios do sol com a transparência de uma cambraia.

A mulher deve ser livre e equilibrada em suas funções como o homem na sociedade. Tenhamos este principio por base, que só elle é verdadeiro. Entre

nós falla-se muito da educação da mulher; mas tudo sem discernimento. Referem-se a uma espécie de polimento de espada que não se destina a ferir, senão a brilhar ingloriamente. E em que consiste essa tão decantada educação? No seguinte: — saber mal o português, arithimética, o francez, o canto e o desenho, e muito mal arrumar a casa.

É o grande ideal! Porque, aqui para nós — parece que nem tudo isso sabemos (...). (*A Família*, ano I, nº 1)

Josephina conseguiu reunir nas páginas de seu jornal um número considerável de mulheres que concordavam com a emancipação feminina, embora nesse momento no Brasil essa “revolução feminina” fosse bem inicial e branda. As colaboradoras do jornal eram em sua maioria professoras que se dedicavam a escrever artigos de opinião pública, traduzir textos franceses representativos para a causa feminista, escreviam contos, poemas. Dentre as autoras podemos mencionar: Aimé Martins, Amelia Valle, Anália Franco, Honoria Augusta de Campos, Margarida de Siqueira, Presciliana Duarte de Almeida. O jornal ainda teve o mérito de trazer personalidades femininas que se destacaram no contexto da época. Contava também com colaboradoras internacionais, e segundo Oliveira (2009: 23) este poder ser considerado um “fato único em uma época na qual o intercâmbio de informações era precário até dentro do país”.

O objetivo da publicação não seria apenas expor as ideias dessas mulheres comprometidas com a educação, como disse a editora do jornal, mas despertar a consciência das mães brasileiras para que elas pudessem competir com os homens em todos os campos profissionais, seguindo o exemplo das mulheres francesas e inglesas. Ainda que afirme não querer iniciar uma luta nem um movimento, Josephina Álvares de Azevedo encerra o seu primeiro editorial convocando as mulheres a compartilhar sua causa:

Estou certa de que caminhareis comigo na senda desta árdua propaganda, incitadas também pelo exemplo das nossas amigas que na França e na Inglaterra desfraldaram aos ventos do porvir o estandarte das nossas liberdades. A revolução que deu ao mundo a igualdade do homem teve por teatro uma das mais gloriosas nações da vetusta Europa, pode estar reservada à jovem América a imensa glória de ser o teatro da grande conquista de nossa igualdade. Luz e progresso, é hoje uma legenda americana. Seja também nosso patrimônio bendito. É esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda por amor deste Brasil, que me viu nascer, e que eu desejo ver engrandecido ao apogeu de todas as glórias, e em cujo seio a mulher seja nobre, instruída e livre. (*A Família*, ano I, nº 1)

Com base nos ideais de igualdade proclamados pelo Iluminismo e no exemplo de feministas como Elizabeth Cady Stanton e Susan Brownel Antony que lutavam pelos direitos das mulheres, Josephina deixa claro, em sua carta, que o seu objetivo é valorizar a causa feminista no Brasil e para tal as mulheres deveriam se unir, participando ativamente da política, da economia, da medicina e das leis. Segundo a editora, a igualdade entre os sexos era o único caminho para o desenvolvimento do país.

Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto principio de nossa inferioridade. Mae nós não somos a elles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funcções especiaes, como elles pela mesma razão as tem. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens— no governo da família, como na direcção do estado. Somos victimas do um erro, se outra cousa menos decente não é que nos traçam plano inferior nos destinos das nações (...)

Algumas pessoas concordam em que a mulher deve ser educada para ser boa mãe de familia. É justo. Mas alem desse mister o que faremos de uma educação solida, que possa ter desenvolvimento nesta ou naquelas aptidões especiaes aproveitáveis à sociedade, isto quando não tenhamos filhos a educar ?

Nós não somos mães todos os dias e às vezes não o somos nunca. (...)

Estou certa da que caminhareis commigo na senda desta árdua propaganda, incitadas também pelo exemplo das nossas amigar que a França e na Inglaterra desfraldaram aos ventos do porvir o estandarte das nossas liberdades.

A revolução que deu ao mundo a igualdade do homem teve por theatro uma das mais gloriosas nações da vetusta Europa, pode estar reservada à jovem America a immensa gloria de ser o theatro da grande conquista da nossa igualdade. Luz e progresso, é hoje uma legenda americana. Seja também nosso esse patrimônio bemdito.

È esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brazil, que me vio nascer, e que eu desejo ver engrandecido ao apogeo de todas as glorias, e em cujo seio a mulher seja nobre, instruidia e livre. (*A Família*, ano I, nº I)

A repercussão que o primeiro número de *A Família* causou na sociedade foi divulgada pela própria Josephina na edição do dia 15 de dezembro de 1888 (exemplar de número 3):

COMO NOS TRATAM

A Família

Com este doce e sympathico titulo, a 18 do corrente, distribuiram-se nesta cidade, o numero programma de uma importante revista litteraria, dedicada à educação da mãe de família e habilmente redigida pela illustrada professora Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Seu programara é simples e terminante: —dar à mulher uma educação solida afim de que possa ella occupar tanto no seio da família como na sociedade, lugar que de fato lhe compete

Entre os bem elaborados artigos de que vem repleto, todos firmados por senhoras, cuja leitura nos proporciona momentos bastante agradáveis, deleitamos sobre modo o intitulado – A Caza –, modestamente firmado por – Maria. A Família vem prehencher no seio do nosso jornalismo um vácuo desde ha. muito sentido e se impouha á sympathia

do bello sexo paulista, por isso que é escripta por senhoras inteiramente dedicada a. seus interesses. E a única revista de seu genero em toda a provincia.

Gratos pela honra com que fomos distinguidas, retribuiremos a finesa enviando-lhe o nosso humilde periodico.

Da imprensa Evangélica.

A Família

Tivemos a satisfação de receber o primeiro numero deste importante jornal, que como noticiamos, surgiu à luz da publicidade em S. Paulo.

Está esplendido, quanto á sua impressão caprichosa e nítida, trazendo excellentes artigos, em referencia á educação da mulher, primando entre elles o de apresentação habilmente elaborado pela geniosa Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Muito bem !

A mulher, que em todos os tempos tem sido o pharol luminoso que guia os romeiros do progresso para as regiões

da immortalidade, hoje melhor preparada e illuminada pelo facho de luz que necessariamente disseminará o novo jornal, que só se dedicará exclusivamente em preparar a coração feminino pela conveniente educação e o cérebro da mulher pela instrucção, poderá prestar mais auspiciosos auxílios à familia e à sociedade emfim.

Congratulaino-nos com a illustrada directora d'A Família, dando parabéns ao bello sexo paulistano. *Da Gazetinha.*

A partir das palavras de Rocha (2009: 24), podemos ter uma noção do impacto que a publicação causou na sociedade paulista:

Muitos dos jornais masculinos que receberam o exemplar de *A Família* não entenderam ou fingiram não entender a matéria principal do editorial. Jornais como *Diário Popular*, *Diário Paulistano* tornaram público que a editora havia lançado um projeto convidativo, no qual as mães do estado de São Paulo seriam brindadas com um excelente guia para se tornarem melhores no lar. Diziam os jornalistas que *A Família* era útil para a sociedade por ser um jornal de leitura amena, de estilo mimoso, elegante e simpático. Talvez estas opiniões quisessem forçar a proprietária do jornal a mudar o tom de suas páginas, já que a sensibilidade de sentimentos e temas fúteis eram objetos propícios à alma feminina. Mas outros jornais preferiram ser mais diretos, como foi o caso de *Província de São Paulo*:

Entretanto, outros jornais, como *A Província de São Paulo*, fizeram críticas mais diretas e evidenciaram o seu desacordo em relação às ideias defendidas pela editora. No exemplar número 2 de *A Família*, publicado em 8 de dezembro de 1888, a editora divulga na coluna *Como Nos Tratam* o teor desse comentário:

A Família

Recebemos o numero programma desta revista semanal, Apparece nesta cidade, é redigida pela exma senhora d. Josephina Alvares de Azevedo e colaborada por muitas mulheres escriptoras.

O artigo da redacção tem por epígrafe estas palavras de Victor Hugo:

“Veneremos a mulher! Santifiquemo-la e glorifiquemo-la!”.

Inteiramente de acordo, exma senhora. Permita-nos, porém, que humildemente lhe digamos que a mulher para ser venerada, glorificada e, sobretudo santificada, não deve competir com o homem na “direção do estado” e em muitas coisas mais, como v. V. Exc. sustenta. (*Da Província de São Paulo*)

5 | A TRANSITIVIDADE NAS CARTAS DA EDITORA DE A FAMÍLIA

Halliday (2004) observa a linguagem como um sistema semiótico social e um dos sistemas de significação que compõem a cultura humana. Nessa perspectiva, a linguagem, o texto e o contexto são responsáveis pela organização e desenvolvimento das experiências humanas. As formas lexicogramaticais devem ser estudadas em relação às suas funções sociais.

Para estudar a categoria lexicogramatica, o autor propõe a transitividade que está vinculada à representação das ideias ou experiências humanas, isto é, ao componente ideacional. Na Análise Crítica do Discurso, a transitividade torna-se um instrumento linguístico importante para a interpretação de aspectos ideológicos, socioculturais ou estilísticos (cf.: Fairclough 1993; Heberle 1994).

Por meio da categoria da transitividade, pode-se identificar quais ações e atividades humanas são representadas no discurso e que realidade está sendo retratada. Para tanto, é preciso observar três componentes básicos: os participantes do discurso (agentes ou pacientes afetados), os processos (tipos de verbos) e as circunstâncias (locações adjetivas e adverbiais). Os processos podem ser de ordem material, mental, verbal ou relacional, entre outros.

Os processos materiais referem-se a verbos de ação, ao mundo físico (agir, escrever, telefonar, etc). Os processos mentais dizem respeito a verbos de cognição e percepção (compreender, pensar), de sentimentos (sentir, amar, desejar), ao mundo da consciência. Já os processos verbais realizam-se por meio de verbos que indicam atividade com a língua: dizer, questionar, reclamar, responder. Os processos relacionais são representados por verbos que estabelecem atributos, identificação e/ou posse entre duas entidades, como: ser, estar, possuir.

A seguir, observaremos as cartas da editora a partir dos diferentes processos que nelas ocorrem.

a) **Processos materiais:** Tais processos referem-se a ações externas, físicas e perceptíveis. Em nosso *corpus*, os processos desse tipo representam atividades executadas pela mulher ou ações da equipe editorial.

É preciso estudar muito, banhar o espirito na luz da sciencia, mergulhar o pensamento na historia, fazel-o surgir no direto. Além disso é preciso ter fé e esperança no futuro que hade amparar a causa santa da nossa emancipação, que ê a nossa elevação moral. Mas é preciso desde já romper

com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado aos seus caprichos, começando por estabelecer bem positivamente as bases de nossos direitos. (*A Família*, n.1)

Há casos, como no exemplo abaixo, em que a enunciadora revela a atitude do homem na sociedade do século XIX, revelando como ele impede que a condição da mulher se altere:

Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto principio de nossa inferioridade. Mae nós não somos a elles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso (...) (*A Família*, n.1)

Os agentes dos processos materiais nas cartas em tela geralmente são pessoas identificáveis (a editora, as escritoras do grupo editorial), em alguns casos são explicitamente mencionadas, como se pode observar no segmento abaixo, o que sugere um certo grau de intimidade ou aproximação com as leitoras.

A senhora Roland não teve um gráo, uma distincção qualquer entre os seus concidadãos como pessoa política, ella que era um gênio, porque... (monstruoso absurdo!)... porque era uma mulher ! Ella que era tudo perante a verdade dos factos e a consciência da historia, entretanto — nada! — perante seus concidadãos. (*A Família*, n.1)

b) Processos mentais: Os processos mentais referem-se a sentimentos, pensamentos ou percepções, por meio desses processos pode-se constatar as crenças, os valores ou desejos representados nas cartas da editora.

São taes os prejuizos, de que somos victimas, que no fim do século XIX, século das luzes e do progresso, nos conservamos estacionadas, sem avaliarmosde que imponente poder somos doctadas, para influir uo desenvolvi mento moral e intellectual de nossa sociedade. Quereis conhecer a situação politica e moral de um povo ? Diz Aimé Martin: perguntai que lugar nelle occupam as mulheres. Libertando-se a mulher da horrível escravidão que tem vivido até hoje, será um forte alicerce da sociedade e da familia ; continuando escrava, será um fardo que pesará sempre (*A Família*, n. 4)

O uso dos processos mentais revela que a enunciadora busca fazer da sua leitora nova mulher do século XIX, estabelecendo uma ligação cognitiva e afetiva e compartilhando com essa leitora como ela deve agir e encarar qual é o seu papel na sociedade. Tais processos contribuem para o envolvimento das leitoras, pois fazem com que elas se sintam parte de uma comunidade discursiva composta da enunciadora e equipe editorial, bem como de outras leitoras. Também estabelecem um alinhamento entre os membros dessa comunidade e se destacam ao caracterizar emoções, como segue:

Todas nós sabemos que nossas avós, por via de regra, pelo menos no interior do Brazil, não aprenderam a ler; nossas mães, mais felizes um pouco, aprenderam a soletrar e fazer muito mal as quatro operações; a actual geração váe obtendo emtanto alguma cultura intellectual, já váe adquirindo conhecimento de algumas línguas, sciencias, etc., etc. E tudo isso, a verdade seja dita sem rebuços, tudo isso a esforços, a sacrificios ingentes das nossas

mães devotadas. É a essas santas criaturas que devemos a pouca de luz que se váe fazendo sobre o destino das brasileiras. (*A Família*. Anno 1, n.2)

c) **Processos relacionais:** Os processos relacionais estabelecem relação entre entidades, identificando-as ou classificando-as. Nas palavras de Halliday (2004: 107), esses processos “relacionam um fragmento da realidade a outro”. São verbos que indicam atributos, identificações ou posse e contribuem para designar categorias e reforçar estereótipos. Para Fowler (1991: 94), o discurso possui argumentatividade e:

ao facilitar e manter discriminação contra membros de grupos, a força do discurso é imensa. A linguagem fornece designações para categorias e assim contribui para delimitar fronteiras e relações; e o discurso possibilita que tais designações sejam faladas ou escritas frequentemente, colaborando, desse modo, para a aparente realidade e aceitação das categorias.

Essas categorias, de modo geral, são expressas de forma genérica e são constantes em cartas da editora. **Vejam-se os trechos a seguir:**

E' evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da família e consequentemente da sociedade. A ella é que está affecta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanática ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e péssima será a sociedade em que influir eles (...)

A educação das mulheres é mais importante que a dos homens : por isso que a destes é sempre obra daqueles ! Eis a doutrina de Fénélon. A vantagem do desenvolvimento intellectual das mulheres, é no próprio interesse dos homens que ella está. (*A Família*, n. 3)

A partir das generalizações presentes nos segmentos levantados, pode-se verificar que a mulher ideal é aquela que possui instrução, conhecimento e não apenas a que tem encantos. Segundo a enunciativa, a função do jornal é lutar pela educação da mulher para que ela possa desempenhar inclusive seu papel de mãe de forma mais completa e eficaz.

Tais generalizações devem, com o passar do tempo da publicação, ser incorporadas como traços sociocognitivos das leitoras, tornando-se conhecimento de senso comum ou parte da cognição social (Van Dijk 1996). Os processos relacionais, os atributos e as identidades estabelecidas, entre enunciativa e leitoras, contribuem para reforçar valores e modos de agir das leitoras. Com a prática da leitura da revista, as leitoras são levadas a admitir a verdade das proposições, pois o que é dito pela enunciativa nas cartas é apresenado como consensual e aceitável no grupo social de que fazem parte;

d) **Processos verbais:** O jornal *A Família* tem papel fundamental de divulgação da literatura e da cultura para as mulheres brasileiras da época. Ela constitui um espaço para a apresentação dessa nova mulher que surge numa sociedade patriarcal. Também é um fórum para discussão de desejos e problemas das mulheres e serve como meio de interação entre o corpo editorial e as leitoras. Processos verbais são frequentes, como se pode verificar no segmento abaixo:

Em face destes exemplos, devemos confessar com toda a franqueza, que lia nas sociedades uma escravidão mais barbara do que todas as escravidões que a historia nos aponta—é a nossa escravidão. Pior do que todas, até mesmo porque não ha nem nunca houve para nós um termo de reabilitação, ainda que para isso concorra a exceção phenomenal do talento. Estranho capricho dos homens. (*A Família*, n1.)

6 I PROCESSOS E PARTICIPANTES DAS CARTAS DA EDITORA

Com base na classificação proposta por Van Leeuwen (1997), os participantes discursivos dos textos, isto é os atores sociais sob análise podem ser caracterizados nos seguintes grupos: a) grupos coletivos como Nós mulheres ou Os homens; b) pessoas identificadas por nome e sobrenome; c) personalidades famosas.

Nas cartas sob análise incluem sintagmas nominais contendo: a) substantivos relacionados a família, como pais, filhos, marido, esposa; b) substantivos próprios, nomes completos de pessoas da sociedade da época, tais como: *Georgina Teixeira, Julia Lopes, Doutora Ermelinda de Sá, Arthur Azevedo, Viscondessa de Cavalcanti, Márquez de Marica, Anália Franco, Maria Clara da Cunha Santos*; c) pronomes ou substantivos referentes a pessoas em geral, como: *as brasileiras, senhoras, mulher brasileira, nós, nossas mães, nossas filhas, escravas de hoje*; d) sintagmas nominais com substantivos referentes às leitoras ou à equipe editorial, como em: *nossas compatriotas, nossa revista, ilustres escritoras nacionais, nossas inteligentes patrícias, nossas patrícias, a sua ilustre redatora, plêiade de brilhantes talentos*. Esses participantes formam uma comunidade com interesses e atitudes convergentes. Cabe ainda destacar que a equipe editorial e colaboradores representam autoridade e competência em relação ao trabalho que executam.

No *corpus* analisado, os atores sociais são agentes de sentimentos, relações, ações e falas estabelecidas são específicos e identificáveis. Trata-se de pessoas denominadas, engajadas em diferentes atos de fala, pertencentes à sociedade brasileira do final do século XIX ou ao mundo das letras. Essas pessoas realizam ações concretas, verbalizam suas idéias e emoções e identificam-se ou recebem atributos específicos, geralmente em relação ao seu papel social, trabalho ou ideias divulgadas. A equipe de redação e as leitoras parecem pertencer a uma mesma comunidade discursiva, na qual as mulheres podem compartilhar experiências e participar da interação.

A interatividade é considerada por Maingueneau (2001: 54) elemento fundamental do discurso/texto, ou seja, é constitutiva. O autor a define como “uma troca explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu discurso”.

Os textos surgem em situações sociais específicas e são construídos com finalidades específicas pelos escritores e também por seus leitores. O sentido encontra a sua

expressão no texto e aí é negociado a partir de uma situação concreta de relações sociais estabelecidas na interação. Ao analisar as cartas da editora, portanto, há que se destacar a relação com o seu processo de produção e interpretação, ou seja, a prática discursiva que lhe dá origem. Nessa ótica, o texto resulta do processo de produção e do meio no qual o processo de interpretação é realizado. Quando se trata das condições sociais de produção e interpretação de textos, é necessário tratar das práticas socioculturais que propiciam e influenciam essa produção e interpretação, e acabam interferindo no texto.

Na análise das cartas, os textos podem ser considerados o produto de um processo. Produto, porque é por meio das estruturas discursivas (narrativa, descritiva, argumentativa, entre outras) expostas na carta que a instituição (no caso, a Revista) tenta persuadir suas leitoras. Nesse processo, a editora formula opiniões em função do que a sociedade determina, ou seja, das lutas das mulheres por direito à educação, ao trabalho, dos temas que a editora e sua equipe julgam ser os mais importantes para apresentar naquela edição.

Em decorrência disso, a análise desse discurso numa perspectiva crítica⁴ engloba o levantamento microestrutural do texto, através dos elementos lingüísticos que formam o texto, e o levantamento macroestrutural, por meio da análise das relações que se estabelecem entre os participantes no discurso, envolvidos no processo de produção e consumo desses mesmos textos. A revista sob análise procura estabelecer uma relação de intimidade com as leitoras e, para tanto, cria certa cumplicidade, camuflando a ideologia que se instaura por meio de uma relação de poder e dominação. A editora, com sua equipe de jornalistas, busca tratar assuntos que interessam ao público feminino, escapa da armadilha de focar em “assuntos de mulher”, e trata de temas que interessam à mulher naquele contexto social: educação, direitos da mulher, trabalho, entre outros.

Na visão de Bakhtin (1992: 334), “o ato humano é um texto em potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação)”. Nessa linha de raciocínio, consideramos, como característica básica da linguagem enquanto texto, a possibilidade de o interlocutor entender que todo enunciado é passível de réplica e permite uma resposta. Essa especificidade da linguagem pode ser entendida como uma atividade “responsiva”, ou seja, a propriedade dialógica do texto, conforme o referido autor. Assim, a linguagem utilizada, quando é compreendida pelo interlocutor, encerra uma relação de diálogo entre o locutor e o interlocutor.

Bakhtin propõe dois critérios básicos (delimitação e unidade) para o entendimento da linguagem enquanto texto. A delimitação está relacionada à possibilidade de responder ou adotar uma atitude responsiva diante da linguagem, por exemplo: o aconselhamento

4 Para Fairclough (2001: 90-91), o termo discurso compreende a linguagem não como algo estático e de manifestação individual, mas como uma forma de prática social e de ação das pessoas sobre o mundo e, especialmente, sobre as outras pessoas. Sob essa perspectiva, o discurso é definido pelo autor “como uma interação entre os participantes de um evento comunicativo em situações reais de comunicação”

da editora para que a leitora passe a agir. A unidade, por sua vez, diz respeito à totalidade do enunciado e pode ser reconhecida a partir de três fatores indissociáveis: tratamento exaustivo do objeto do sentido; o intuito, isto é, o propósito ou querer-dizer do locutor; e as formas típicas de estruturação do texto. O tratamento exaustivo do objeto de sentido é o que possibilita a alternância entre os falantes, pois um dos participantes, ao dizer o que queria, esgota a sua participação, dando a possibilidade para o outro responder. Isso é considerado como atitude responsiva em relação a um enunciado, que ocorre, por exemplo, no momento em que se executa uma ordem ou um pedido. O propósito discursivo ou querer-dizer do locutor determina o todo do enunciado: sua amplitude e suas fronteiras. Por meio desse intuito, o enunciador revela para o seu leitor como o texto deve ser visto (fronteiras), a partir de suas intenções implícitas ou explícitas (amplitude). Assim, o que o enunciador pretende dizer deve estar claro no texto, para que o leitor perceba exatamente as suas intenções. As formas típicas de estruturação permitem que o texto seja visto através de sua totalidade em formas relativamente estáveis chamadas de gêneros. Para realizar o seu propósito, o enunciador deve fazer escolhas adequadas para aquela determinada prática social. Tais escolhas são realizadas em função da especificidade de cada esfera de comunicação. A utilização de gêneros varia porque, para cada intuito de comunicação, há um gênero que a ele melhor se adapta. Ao escrever uma carta da editora, um artigo, uma carta da leitora dentre outras formas recorrentes de linguagem, as pessoas estão utilizando o que lhes parece ser a melhor forma de comunicação para atingir o objetivo pretendido.

Como se pode verificar nas cartas sob análise, os três fatores citados representam a totalidade de cada um desses textos, isto é, conferem à enunciativa (editora) a possibilidade de manter com sua leitora uma relação dialógica, quer seja pela adesão, quer seja pela negação das idéias expostas. Possibilitam também à leitora perceber o que a enunciativa (editora) quis dizer e como isso pode ser visto pelo público de modo geral, revelando sua adesão ou sua não aceitação em relação ao que foi exposto na revista.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, pode-se afirmar que a carta da editora do jornal *A Família* constitui um gênero discursivo que funciona como uma espécie de indicador ou orientador do que a leitora encontrará na publicação. As estratégias discursivas visam a envolver a leitora a torna-se uma mulher do seu tempo capaz de cuidar da família, do lar, mas também lutar por sua posição na sociedade do final do século XIX e início do XX.

Para melhor analisar e compreender o gênero discursivo carta da editora, talvez seja necessário observar o propósito de cada jornal ou revista, qual a sua função enquanto atividade social, que papéis sociais são desempenhados pelos interlocutores (editora/ leitora). Talvez seja preciso observar como o querer-dizer de cada interlocutor se realiza em cada carta, evidenciando marcas que visam ao envolvimento do outro nessa atividade.

Assim, para que a enunciativa e sua leitora possam alcançar seus objetivos de realização de uma escritura e leitura críticas, elas precisam dar conta da delimitação e da unidade de seus textos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.L. C. V. O. Trajetórias femininas: estudo de tradições discursivas em cartas da editora de revistas produzidas por mulheres em São Paulo no século XIX. In: TORRES MORAIS, M. C. R. e ANDRADE, M. L. C. V. O.(orgs.). *História do Português Paulista*. Campinas: PUBLIEL/FAPESP. Série Estudos, vol. II, 2009, p. 373-390.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BUITONI, D. S. **Imprensa feminina**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.

DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP/Contexto, 2008

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, n 09, 1985, p. 739-763,

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. (Org.). **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. p. 19-46. _

FAIRCLOUGH, N **Discurso e mudança social**. Trad. Maria Izabel Magalhães (org.). Brasília: UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N . **Language and globalization**. Londres: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N . Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução Iran Ferreira de Melo. **Linha d'Água**. v. 25. n. 02., 2012. p. 307-329.

FAIRCLOUGH, N ; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK, T. A. (Org.) **Discourse studies**. A Multidisciplinary introduction. v. 2. Londres: Sage, 1997. p. 258-284.

MEYER, M. Estações. In: Meyer, Marlyse (org). *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 73-107.

OLIVEIRA, K. R. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura, Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, 2009. 74pp.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto/Editora da UNESP. 2008, p.401-442.

VAN DIJK, T. A. Discourse, power and access. In: Caldas-Coulthard, C.; Coulthard, M. (Orgs.) **Texts and Practices: readings in critical discourse analysis**. London; New York: Routledge, 1996a. p. 84-104.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996b.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, T. A. Multidisciplinarity CDA: a plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.) **Methods of critical discourse analysis**. 2 ed. Londres: Sage, 2005a, p. 95-120.

VAN DIJK, T. A. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Orgs) **Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell Publishing, 2005b. p.352-371.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Tradução Judith Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN LEEUWEN, T. Representing social actors. In: **Discourse and practice**. New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. p. 23-54.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizado 42, 72, 74, 75

B

Bacia Amazônica 27, 28

Brasil 4, 5, 6, 15, 16, 18, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 50, 51, 53, 54, 58, 61, 70, 74, 75, 76

C

Comunidade 10, 12, 28, 35, 36, 55, 58

Corpo 11, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 91

Corporal 17, 18, 20, 21, 25

Cultura 9, 10, 11, 15, 18, 63, 65, 67, 91

D

Direitos das mulheres 6

Diversidade 36, 74

E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 13, 17, 41, 42, 44, 47, 49, 55, 56, 57, 58, 61, 74, 75, 76, 77, 91

Ensino 17, 18, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 56, 69, 70, 74, 76, 91

Escola 48, 60, 61, 68, 70, 74, 75, 76

Experiência 19, 25, 45, 55, 56, 70, 75

F

Família 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 91

G

Gênero 2, 14, 91

Governo 7, 30, 31, 33, 39

H

História 1, 2, 3, 4, 15, 16, 35, 37, 38, 39, 42, 50

I

Identidades 11, 40

Identidade social 1

Inclusão 21, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 78

Indígena 29, 34, 38, 39

Infância 76

J

Jornalismo 1, 7

Justiça 34

M

Matemática 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Memória 37

Metodologia 41, 42, 43, 45, 47, 49, 57, 80

Metodologias 41, 42, 43, 56

Mulher 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 35

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 53, 71

P

Política 4, 6, 10, 29, 31, 34, 37, 38, 39, 51, 60

Povo 10, 29, 35

R

Rio Paraguai 27

S

Saberes 42, 46, 47, 77

Síndrome de Down 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 78

Sociedade 1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 38, 58, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 91

V

Violência 24



Ciências Humanas:

Caráter polissêmico e
projeção interdisciplinar

2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Ano 2021



Ciências Humanas:

Caráter polissêmico e
projeção interdisciplinar

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021